

PROGRAMA DA LISTA CANDIDATA AOS CORPOS GEREN-  
TES DA ASSOCIAÇÃO ACADEMICA DE COIMBRA, E PA-  
TROCINADA PELO conselho das repúblicas

COIMBRA

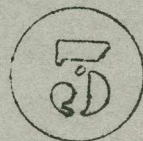
68/69

PARA UMA

# UNIVERSI- DADE NOVA

CONVÍVIO E INTERCÂMBIO

CADERNO



## SUMÁRIO

I - Convívio - Da sua necessidade às suas finalidades.

II - Formas de convívio.

- 1 - Convívio entre os estudantes, da Faculdade à Universidade.
- 2 - Convívio entre universitários de ambos os sexos.
- 3 - Convívio entre estudantes e professores.
- 4 - Relações entre as Academias.
- 5 - Convívio ao nível Internacional.
- 6 - Convívio entre estudantes e não estudantes.

"+"+"+"+"

I - A nossa escola, informada de muitas incapacidades, não promove no seu seio a convivência mútua dos alunos, ou destes com o corpo docente.

II. 1 - Compete-nos, a todo o momento, combater por forma esclarecida o isolacionismo para o qual o correr da vida se empenha em lançar-nos. Quebrar o isolamento inútil, e gerador do sentimento competitivo, para no seu lugar surgir a actividade colectiva que solucione preocupações afins.

2 - A mulher universitária compete, em exclusivo, ocupar a posição de estudante ao lado dos seus companheiros na Escola Portuguesa.

3 - Quando acaso se não vislumbram antagonismos entre ambas as partes é a ignorância recíproca quem preside, em regra às relações mestre-discípulo. Divórcio mútuo, dizemos, pois, só uma transformação radical do funcionamento e estrutura da escola pode produzir equivalente modificação naquele convívio

4 - Daí resulta que para além da diversidade especificadora de cada centro de ensino superior algo de fundamental os aproxima, vindo a exigir uma comunidade de esforços.

5 - O estudante, enquanto homem e enquanto tal, não pode esquecer, nesta cunhada do século XX, a sua condição e responsabilidade como elemento integrador da comunidade universal.

6 - As relações sociais de produção, incapazes de manterem verdadeiros laços de solidariedade e cooperação, tornam mais saliente o afastamento entre a população que classicamente se denomina activa, e aquela outra, bastante menor sem dúvida, que denominam estudantil.

XXXXXXXXXX

## CONVÍVIO - Da sua necessidade às suas finalidades

O homem é, por excelência, um ser social, e os homens conscientes dirigem-se decididamente nessa direcção.

O drama do século XX centraliza-se na existência de enormes contradições sociais que impossibilitam os povos de se manifestarem na plenitude da sua sociabilidade.

A cooperação que devia presidir às relações entre os indivíduos vem dando lugar à luta desenfreada em redor de interesses divergentes. A tolerância é substituída pela persiguição arbitrária, a compreensão pelo dogmatismo asfixiante.

Mas ao século XX cabem características de um avançado progresso técnico-científico que propiciou à Humanidade um sem número de soluções para os problemas com que esta depara no decorrer da História. A ciência veio, pois, libertar o homem enquanto, por virtude do volume de conhecimentos, o tornava cada vez mais interdependente: - a nenhum é possível, no momento histórico, abarcar a totalidade das ciências. Resulta, assim, o diálogo necessário rumo à transmissão da cultura humanista, dirigido à criação de hábitos de vida em comum, fomentado, afinal, no sentido de fortalecer tanto a sã camaradagem como o trabalho colectivo. Diálogo projectado no convívio quotidiano de homens e mulheres assaltados por preocupações e alegrias comuns. Dialogar inadiável dos responsáveis pela tarefa de construir um mundo verdadeiramente renovado e renovador.

Aos estudantes se evidencia, de modo essencial, a urgência do convívio, e aos estudantes se lhe opõem dificuldades detectadas e detectáveis que é imperioso superar.

A nossa escola, informada de muitas incapacidades, não promo-

ve dentro de si a convivência mútua dos alunos, ou destes com o corpo docente. O individualismo exarcebado orientador da maioria da população estudantil não é combatido pela actividade educativa. A frequência das aulas é um mecânico exercício de marcar presenças despido de relações de autêntica coabitação. E será no seio da própria Universidade que o acto de conviver deve sobremaneira manifestar-se. As relações mestre-aluno em geral deficitárias são-no por demais no trato diário, no encontro distraído da tarefa dominante de educadores, na liberdade crítica, que o mesmo é dizer, no diálogo aberto e confiante. A salvaguarda das relações humanas não constitui preocupação fundamental da Escola contemporânea.

A preparação escolar do estudante é considerada da responsabilidade individual e só agora nos é dado assistir à criação de grupos de estudo por iniciativa dos educandos.

Não é indiferente à inexistência dum convívio pleno as diversas origens sociais da massa universitária, como lhe não é alheia também a contextura social e económica sustentáculo do ensino actual.

A Universidade não se dirige à Nação, como esta não penetra naquela. Mas é à escola que compete, primordialmente, ir ao encontro do seu país, percorrê-lo e dinamizá-lo, para de seguida se sentir procurada por toda a realidade ansiosa dos seus serviços e da sua científica atenção.

A Universidade não pode nunca divorciar-se da Nação sob pena de comprometer, por forma profunda, o cumprimento da sua "tarefa contínua de dinamização, transformação e de inovação, independentemente de qualquer situação histórica concreta ou de qualquer

contexto sócio-económico" (1)

Traçadas de maneira sucinta as coordenadas que condicionam o viver universitário voltamos a salientar a urgência do convívio humanista defensor da tolerância e capaz de estabelecer "o esforço de compreensão" que nos leve "ao confronto das nossas ideias com as dos outros e, porventura, a despojar-nos de algumas falsas certezas com que, no voluntário ou forçado isolamento, nos fomos envenenando!" (2) Conviver na autenticidade da camaradagem, que suscite o trabalho colectivo a todos os níveis da estrutura universitária. Competiria que o promovesse uma escola não detida da sua responsabilidade educativa, compete afinal às AA.EE. enquanto diante de Universidades enfermas.

Importa, pois, compreender tal condicionalismo, explicá-lo para nos dirigirmos pelo caminho que o supere e transforme. Importa debruçarmo-nos sobre as formas de convívio susceptíveis de se corporizarem eficazmente, e das quais deve lançar mão a A.A.C.

Assinale-se, entretanto, que o próprio trabalho desenvolvido pelos estudantes adentro das várias secções da nossa Associação

---

(1) In "Caderno nº1", PARA UMA UNIVERSIDADE NOVA. Programa da lista candidata aos corpos gerentes da Associação Académica, patrocinada pelo C.R., 68/69

(2) In "Ensaios" -Alberto Ferreira- Textos VÉRTICE

assume já em si aspectos de intensa colaboração.

## II - FORMAS DE CONVÍVIO

### 1 - Convívio entre os estudantes da Faculdade à Universidade de

"A A.A.C. será um foco dirigido à Universidade, cujos raios divergindo nas Faculdades virão reflectir-se revigorados na própria Associação!" (1)

Na sua linha de acção, já traçada num clima de generalidade, estará a A.A.C. nos cursos para aí os dinamizar e ser reflexivamente dinamizada.

Entendemos que as relações de fraternidade devem brotar, por princípio, nos locais de trabalho. Será dentro das suas escolas onde se apresentam os problemas mais relevantes que cada universitário vai entregar-se, com espírito de entre-ajuda, ao cumprimento das tarefas comuns. O trabalho de equipa, a discussão conjunta de assuntos pedagógicos ou científicos respeitantes ao curso, à cultura, à reforma do ensino, à exposição e colóquio sobre dissertações dos nossos companheiros, eis alguns caminhos entre os muitos possíveis que continuam por explorar.

Das festas de curso às excursões de recreio deve prover-se pelo desenvolvimento do espírito cooperativo. Impõe-se nos a todo o momento combater, por forma esclarecida, o isolacionismo para o qual o correr da vida se empenha em lançar-nos. Quebrar o isolamento inútil e gerador do sentimento competitivo para em

---

(1) - In "Caderno nº1", PARA UMA UNIVERSIDADE NOVA. Programa da lista candidata aos corpos gerentes da Associação Académica patrocinada pelo C.R., 68/69

sua substituição surgir a actividade colectiva que solucione preocupações afins.

A discussão frutuosa da realidade universitária e extra-universitária pode estender-se dos cursos para a Faculdade. Aqui a coabitação entre finalistas e calóiros, entre estes e grelados, entre todos afinal, necessita de processar-se plenamente. Facilita-a a problemática comum a cada Faculdade, desencadeia-a a intenção geral de conquistar o saber.

Não se circumscreve, todavia, o viver comum aos limites da Faculdade. Extravasa-os e dissolve-se no todo da Universidade. E é neste instante que à A.A.C. cabe missão decisiva de reunir, revigorada pelos cursos, o extenso corpo discente. Reunir na divisão de tarefas adequada e necessária. Reunir nas realizações humanistas orientadas para toda a Academia. Reunir dado o seu carácter representativo e unitário de todos os Estudantes.

## 2 - Convívio entre universitários de ambos os sexos.

O afastamento da mulher do processo produtivo veio contribuir, conseqüentemente, para a sua dependência económica perante o homem. Na actualidade um terço da mão-de-obra mundial é fornecido pela actividade feminina. As últimas duas grandes guerras, para além da capitalização da indústria, fizeram salientar a necessidade de utilização do trabalho feminino. Todavia, até quando homens e mulheres produzem o mesmo em quantidade e qualidade se verificam, ainda hoje, sensíveis diferenças nos respectivos salários, muito embora "quase todos os países tenham ratificado a convenção nº 100 da Organização Internacional do Trabalho, que estabelece o desaparecimento de tal discriminação" (1)

(1) In "Seara Nova", Maio de 1967.

É no campo que se vem notando uma maior percentagem de mulheres participando da actividade produtiva. Também aí, por factores vários, ela está menos liberta, quer por motivos de tradições e costumes, da ignorância mais intensa, como por virtude dum rendimento económico inferior ao dos centros urbanos e industrializados.

As conseqüências sociais resultantes desta situação são, na generalidade, do consenso comum: - o não acesso da mulher a todas as profissões, uma diversa educação para um e outro, uma moral mais exigente para um lado, o statu quo deficitário adentro do grupo familiar, para além dum divórcio evidente da vida social e política, da cultura por parte da população feminina.

Assistimos, aliás, a uma das maiores crises nas relações entre indivíduos de sexos diferentes. A aproximação de uns e outros é estorvada por impedimentos de vária ordem dos quais ressalta uma educação pouco adequada à criação e estabelecimento dum autêntico companheirismo.

A nós, estudantes universitários, se exige um esforço esclarecido no intuito de eliminar distâncias. Esforço que, de igual modo, se iniciará no viver diário da escola para aí fortalecer-se e vir a manifestar-se na plenitude da sua força.

A mulher universitária portuguesa deve invadir todos os caminhos comuns com o propósito de cooperar na construção da UNIVERSIDADE NOVA.

Deve invadir a sua Associação e nela integrar-se no labor quotidiano, no encontro de vontades e esforços, na discussão serena de posições, no convívio, afinal.

A mulher universitária compete, em exclusivo, ocupar a posição de estudante lado a lado com os seus companheiros na Escola Por

tuguesa.

### 3 - Convívio entre estudantes e professores

Entendemos ser a escola um corpo assente em dois núcleos fundamentais e complementares: - o docente e o discente. Complementares porque enquanto responsáveis pelo prosseguimento das finalidades do ensino ambos devem exercer a gestão da Universidade e solucionar todas as questões a ela respeitantes.

A realidade existente está, contudo, afastada duma verdadeira colaboração. Quando acaso se não vislumbram antagonismos entre ambas as partes é a ignorância recíproca quem preside, em regra, às relações mestre-discípulo. Divórcio mútuo, dizemos, pois só uma transformação radical do funcionamento e estrutura da escola pode produzir equivalente modificação no conteúdo daquele convívio.

Não exclui esta visão, de qualquer modo, as realizações que visem superar, acidentalmente, aquelas contradições. Os colóquios orientados por professores sobre a exposição de temas da sua especialidade, sobre a reforma do ensino, a sua colaboração assídua na imprensa estudantil, para além da sua participação possível no movimento associativo são algumas direcções a seguir no sentido de se alcançar um mínimo de convivência.

Importa abandonar o carácter magistral do ensino, impedimento à aproximação dos dois pólos, porque só quando encontrarmos "no mestre o supervisor de toda uma actividade criadora que a liberdade crítica indispensável vem exigir e desencadear no estudante" (1) será legítimo aguardar o diálogo construtivo per-

(1) In "Caderno nº1", PARA UMA UNIVERSIDADE NOVA. Programa da lista candidata aos corpos gerentes da A.A.C., patrocinada pelo

manente.

Não deixaremos menos claro que é inadiável uma fecunda remodelação da Escola Portuguesa onde "a todos os estudantes e a todos os professores, através de um processo electivo que desague numa verdadeira representatividade" seja exigida "uma intervenção funcional a todos os níveis, radicada numa actividade mútua de entendimento e cooperação entre docentes e discentes." (1) São ambos responsáveis por conquistá-la e construí-la sob pena de se prosseguir no alheamento recíproco destrutivo e inútil.

### 4 - Relações entre as Academias

As enfermidades da Escola Portuguesa não são específicas desta ou daquela Universidade. Daí resulta que para além da diversidade especificadora de cada centro de ensino superior algo, de fundamental, os aproxima vindo a determinar uma comunidade de esforços. Deduz-se, assim, a unidade na diversidade das características específicas de Coimbra, Porto ou Lisboa.

As reuniões de estudantes ao nível nacional (Tomada da Bastilha, por exemplo) onde se debatam perspectivas do movimento associativo, do ensino, da condição de estudante, a imprensa universitária aberta à colaboração de todos os estudantes portugueses, Jogos Florais, Festivais Nacionais de Teatro Universitário, Campeonatos Nacionais Universitários, eis alguns pontos que, provocando a convivência construtiva, revestem aspectos culturais e recreativos susceptíveis de fortalecerem os laços de solidariedade e compreensão e de desencadear a reflexão colectiva que se desenvolverá diante dos problemas que são de todos.

(1) In "Caderno nº1", PARA UMA UNIVERSIDADE NOVA. Programa da lista candidata aos corpos gerentes da A.A.C., patrocinada pelo C.R., 68/69.

## 5 - Convívio ao nível internacional

Têm demonstrado todos os estudantes a sua idoneidade abalando-se, conscienciosamente, a uma participação activa nas estruturas sociais. É facto notório do panorama mundial a envergadura da força estudantil prenhe de significações e potencialidades humanistas. O universitário apercebe-se (porque compreende e explica) da alienação que vitima as sociedades contemporâneas. Possuída duma angústia que não é estéril, a juventude actual decide-se pela acção capaz de transformar e superar as circunstâncias adversas a um mundo em que o "Homem seja a medida de todas as coisas". As distâncias entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos aguçam-lhe a consciência, e lançam-na para o diálogo universalista.

Inseridos no seu país os jovens reivindicam da Universidade não só adequado apetrechamento técnico-profissional, "mas ainda uma perspectiva humanista da realidade no sentido de projectar o homem como indivíduo, como cidadão e como membro da comunidade internacional". (1) Assente nestes termos é próprio das AA: EE. portuguesas, como órgãos representativos dos estudantes, desenvolver relações e intercâmbio com as Uniões Nacionais de Estudantes estrangeiros. A participação em colóquios e outras realizações ao nível internacional não devem descurar-se, pois, as preocupações de âmbito nacional se projectam no internacional onde, em muitos momentos, se vai encontrar a respectiva solução.

---

(1) In "Caderno nº1", PARA UMA UNIVERSIDADE NOVA. Programa da lista candidata aos corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra, patrocinada pelo C.R., 68/69.

O estudante, enquanto homem e enquanto tal, não pode perder de vista, nesta cumeada do século XX, a sua condição e responsabilidade como elemento integrador da comunidade universal.

## 6 - Convívio entre estudantes e não-estudantes.

"Ao estudante português depara-se-lhe essencialmente uma dupla responsabilidade: universitária e social." (1)

As relações sociais de produção, incapazes de manterem verdadeiros laços de solidariedade e cooperação, tornam mais saliente o afastamento entre a população, que classicamente se denomina activa e aquela outra, bastante menor sem dúvida, que denominam estudantil. Não importará talvez aqui analisar a carência de total exactidão quanto ao processo classificativo utilizado; importa, contudo, afirmar que o estudante é um trabalhador intelectual produtor de utilidades sociais, e como tal deve ser encarado.

No universitário português, integrado num país com índices inferiores em todos os aspectos do desenvolvimento económico-social, se intensifica a sua responsabilidade. Não divorciado da conjuntura nacional, observador e interpretador do viver quotidiano, apresenta-se apto a empreender a acção adequada a uma urgente promoção sócio-cultural. Possuidor privilegiado de conhecimentos científicos, participará, de modo activo, na realização da sociedade evoluída que o progresso deste século veio permitir alcançar.

---

(1) In "Caderno nº.1", PARA UMA UNIVERSIDADE NOVA. Programa da lista candidata aos corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra, patrocinada pelo C.R., 68/69.

As deficiências dos meios rurais (taxa de alfabetização mínima, condições de vida inaceitáveis, ausência de comunicação com outros centros mais desenvolvidos, exploração agrícola assente em processos de produção ultrapassados) estas deficiências são superiores às das zonas urbanas e industrializadas, e apontam-nos lacunas graves no desenvolvimento dos povos, que para serem devidamente eliminadas exigem enorme trabalho da colectividade, esforço em que os estudantes poderão tomar, eficazmente, parte activa.

A presença de universitários entre camponeses pode concretizar-se através de campos de trabalho onde o "contacto vivencial com as populações" desencadeará hábitos de entreaajuda e de auto-promoção. Aquela presença pode também reflexamente proporcionar-lhes todo o peso da realidade, incitando-os, porventura, a estudá-la cientificamente (investigação sociológica, económica ou social).

As AA.EE., à A.A.C. pertence a responsabilidade de receber convites de outros organismos (Obras Assistenciais, Cooperativas, Clubes Recreativos) interessados nessas realizações.

Não esqueçamos os centros industriais onde se encontra, igualmente, um condicionalismo precário de vida. A actividade estudantil pode desenvolver-se adentro dos clubes recreativos onde através da criação de bibliotecas à efectivação de colóquios se evidencia um esforço orientado para o prosseguimento dos necessários objectivos: - os de promover social e culturalmente as populações.

Os agrupamentos universitários de Teatro, de Canto, de Música, ou outros realizarão, paralelamente, espectáculos que pelas suas características próprias vêm a criar uma autêntica aproximação

entre estudante e não estudantes. A força da nossa juventude, o nosso dinamismo, o nosso saber projectar-se-ão através deles num verdadeiro convívio público.

As campanhas de alfabetização (promovidas por vários organismos) constituem outras realizações de utilidade social em que as AA.EE. poderão participar.

"A Escola tem causado na vida colectiva devastações incalculáveis. E ao concluir a sua vida escolar o aluno não aprendeu esta coisa fundamental na vida moderna que é o trabalho em equipa, e supõe que o trabalhador é o homem solitário, que o prémio do nosso trabalho é não partilharmos com ninguém a glória de o termos realizado. O seu eu hipertrofiou-se desgraçadamente. Por outro lado, encontra-se inapto a desempenhar os seus direitos e deveres dentro da vida política e social da nação; não compreende sequer o seu grau de responsabilidade na vida nacional, imaginando que a vida na nação e a dele própria são coisas separadas e estranhas." (4)

Como estudante não será permitido ao universitário português demitir-se do seu papel: - a cultura que recebe deve ele utilizá-la em benefício da comunidade que lhe proporciona. Como homem não lhe será lícito isentar-se de participar activamente no progresso sócio-económico.

A Universidade necessária deve sugerir-lho, ele deve realizá-lo, a Nação deve exigir-lho.

A LISTA

---

(4) In "A Escola, Problema Central da Nação", António José Saraiva.

- FAZ-TE SÓCIO

- PAGA AS COTAS

- DINAMIZA OS NOSSOS CADERNOS  
ANALISA-OS E DISCUTE-OS

- CONTRIBUI PARA A NOSSA  
CAMPANHA DE FUNDOS

CR